


RB186,607



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

3 2206



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

<http://archive.org/details/poemalisboaresta00oliv>

1737
P O E M A

LISBOA RESTAURADA

PELO GRANDE, E INCOMPARAVEL REY

DOM JOZE' I.

DE SAUDOSA MEMORIA,

OFFERECIDO

A' MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA SENHORA

DONA MARIA I.

RAINHA DE PORTUGAL N. SENHORA,

HEROINA DOS NOSSOS SECULOS,

E SUA PRECLARISSIMA FILHA,

&c. &c. &c.



LISBOA,

Na Offic. de FERNANDO JOZE' DOS SANTOS.

Anno de M.DCC.LXXXIV.

Com licença da Real Meza Censoria.

P O L I M A

THE POLYMER

DOMESTIC

THE POLYMER

DOMESTIC

THE POLYMER

THE POLYMER



L I S B O A

THE POLYMER

THE POLYMER

MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA
RAINHA, E SENHORA NOSSA.

O LOUVAR, e escrever a vida, e as
acçoens dos Heroes contemporaneos, he hum modo
de agradecer-lhe as suas fadigas, e os seus disve-
los, querendo recommendar á posteridade os seus
nomes, para que o tempo devorador não lhes usur-

pe o respeito , que merecem. Sem esta prevenção ,
que primeiro de todos praticou Homero cantando os
valerosos feitos de Ulysses , e de outros grandes
Homens , ficariaõ seus nomes sepultados , e as suas
acçoens famosas com elles mesmos , como succedeo a
muitos Heroes da antiga Grecia , que lhe precede-
raõ. Eu me propuz **SERENISSIMA SE-**
NHORA o fazer este pequeno elogio á memo-
ria do Grande Rei , do Incomparavel Rei , o Se-
nhor D. JOZÉ I. Augustissimo Pai de **V. MA-**
GESTADE , a quem a mão Divina repartio a-
bundantemente as virtudes com que resplandeceo na
terra , e agora em melhor Throno lhe dá o seu ver-
dadeiro premio. E supposto que o seu Preclaro No-
me , e as suas Egregias Acçoens tem enchido o Mun-
do de admiracão , e de respeito , todos os cultos , e
todos os louvores lhe são devidos. Tantas vezes o
susto desta empresa a que me atrevia , e o amor
com que desejava mostrar as obrigaçoens de bum
fiel Vassallo , lutaraõ no meu coração , quantas a-
quellas em que os meus dedos tremolos largaraõ a
penna increpando a temeridade do meu sogeito ; po-
rém em fim vencendo o combate o amor , e a gra-
tidaõ , pude fazer este pequeno Poema , que tenho
a honra de offerecer a **V. MAGESTADE**. Ful-
go que a **V. MAGESTADE** lhe será agradavel
o ver

o ver (supposto que em tosca , e grosseira Rima)
elogiadas as acçoens do seu Soberano Pai , de quem
V. Magestade he huma fiel Copia. Digne-
se *V. Magestade* olhar benignamente para
este meu obsequio , perdoando o meu atrevimento ,
cujo perdaõ imploro com aquella reverente submissão ,
qual deve ser a de hum

Fiel , e humilde Vassallo

Vicente Carlos de Oliveira.

LISBOA RESTAURADA

ARGUMENTO.

E *Xpoem-se deste Imperio Lusitano.*
O principio , nos seculos primeiros ,
Em que apartado do poder Hespano ,
Acclamou seus Monarcas verdadeiros :
Dos Mouros a expulsão , e o grande damno ,
E os successos do Reino derradeiros :
Quando , o Grande JOZÉ , toma o governo ,
Com que deixou no mundo bum nome eterno.

CANTO PRIMEIRO.

E *U canto o nome , as acçoens , a gloria*
Daquelle grande Rei dos Lusitanos ,
Jozé Primeiro , de immortal memoria ,
Modello dos mais inclitos Soberanos :
Sua fama occupando a longa historia ,
Do tempo gastador não teme os damnos ;
Nem terá já poder nenhuma idade
Para enxugar dos olhos a faudade.

II.

Heroes antigos , que de acçoens famosas ,
 Enchestes todo o circulo da terra ,
 Merecendo cingir ramas frondosas ,
 Premios de paz , e distincçoens da guerra :
 Mais sublimes acçoens , mais portentosas ,
 Do meu egregio Heroe a vida incerra ;
 Que em piedade , e valor , benigno , e justo ,
 Foi mais que Tito , transcendeo Augusto.

III.

Rainha Excelsa : a sábia providencia ,
 O seu amado Imperio vos destina ,
 No qual com santas Leys , doce clemencia ,
 Dais primeiro os exemplos que a doutrina :
 Influí nos meus versos a vehemencia ,
 Da vossa luz , que a todos illumina :
 Porque o meu Canto taõ acorde seja ,
 Que ao Mulico da Thracia faça inveja.

IV.

E vós sublime Rei , que em Throno eterno
 Residis , entre as fantás gerarquias ;
 A quem deu o Monarca sempiterno ,
 O digno premio , das virtudes pias :
 Lá desse assento fulgido , superno ,
 De que vedes d'hum golpe as Monarquias ,
 Vede a grande prudencia , sábia , e justa ,
 Com que nos rege a vossa filha Augusta.

V.

Facundas Deosas , que na clara fonte
 De Hypocrene , bebeis altos conceitos ,
 Descei agora do elevado monte ,
 Dai-me outra vez os metricos preceitos ;
 Antes que ao grande empenho me remonte ,
 Benignas emmendai os meus defeitos ,
 Torne a tocar a mão cançada minha ,
 As cordas d'ouro , que deixado tinha.

VI.

Cingime a fronte de Apolínea rama ,
Formosa Herato , antiga protectora ,
Accendei no meu peito a doce chamma ,
Que ardendo vorásmente , não devóra :
Se o vossô nobre influxo se derrama ,
Sobre o meu coração , a voz sonora ,
Nas leves azas do ligeiro Eólo ,
Será levada d'hum a outio Pólo.

VII.

Naõ me leva a vaidade a esta empreza ,
Pois deficitil meu vôo reconheço ;
He mil vezes maior sua grandeza ,
Que a minha debil força que confesso :
Amor estes meus cultos tanto préza ,
Que as suas Leys me impoem , eu lhe obedeco :
Seja por mim o Grande Rei louvado ,
Da Patria o Pai , restaurador do Estado.

VIII.

Meus ombros trêmem com tão grande pezo ,
O qual sómente Atlante sustentára ,
Mas o fogo de amor no peito accezo ,
Me propoz esta idéa em tudo rara :
Eu o conservo de tal fórma illezo ,
Que com gosto infinito procurara ,
Se ouvissem seus louvores singulares ,
Entre os Astros brilhantes sublunares.

IX.

Jaz o soberbo , Lusitano Imperio ,
Na terra Occidental que o Sol esconde ,
Para ver em nascendo outro hemispherio ,
Que do globo igualmente corresponde :
Seus povos marciaes louvou Tiberio ,
E Pompeo os temeu , nos campos aonde ,
Aos valentes Cajados Lusitanos ,
Cederaõ os Exercitos Romanos.

X.

He bem no meio da temperada Zona,
 Em que a fria estação não he agrêste ,
 Mimo de Ceres , gloria de Pomona ,
 Hum florido matís a terra veste :
 Seu precioso clima em tudo abona ,
 A providente mão , sábia , e Celeste ,
 Que immensos dons lhe deu , quanto convinha ,
 A'quelle Reino , que escolhido tinha.

XI.

O manso Téjo , seu fecundo rio
 Vastíffimas campanhas fertiliza ,
 D'outros tem o soberbo senhorio ,
 Que das suas correntes se utiliza
 Nas suas margens pelo secco Estio ,
 O luzente metal se lhe divisa ,
 Que leva por tributo em rica arêa ,
 Para os muros antigos de Ulysséa.

XII.

XII.

Do mundo as quatro partes descobertas ;
O cóllo docemente lhe presentaõ ,
Os áridos Certoens ; terras desertas ;
Do seu gostoso jugo não se izentaõ ;
Nas ondas inconstantes , onde incertas
As maritimas rezes se apascentaõ ;
O Rei dos verdes mares , reverente ,
Sujeita ao luzo Imperio , o seu Trydente.

XIII.

Os barbaros tostados Africanos ,
Sujeitaõ os seus nitidos alfanges ;
Os Guerreiros mitrados Persianos ,
A formidavel força das phalanges ;
Rubicundo coral dos Indianos ;
As riquissimas perolas do Ganges ;
Odoríferas terras de Sabéa ;
Tudo , o Grande Monarca , Senhorê a.

XIV.

Nas letras , e nas armas eminente ,
 Grande valor , e sciencia , tem mostrado
 Invenciveis na guerra as suas gentes ;
 Em sábios Escritores seu Estado :
 Nas Artes prompto , nas acçoens prudentes ;
 He no mundo o seu nome respeitado ;
 Os grandes Generaes , e os Escritores ,
 Tem merecido applausos , os maiores.

XV.

A santa Ley de Christo , se conserva ,
 Sempre intacta dos seculos primeiros ,
 No santissimo Culto , que se observa ,
 Os respeitou a Igreja , sempre inteiros.
 Nunca o erro os manchou , nem a protérva ,
 Opinião dos Ritos verdadeiros ,
 Os seus Monarcas tem por distinctivo ,
 O nome de Fieis superlativo.

XVI.

Suas veleiras quilhas se atreveraõ ,
 A abrir dos mares , nunca visto feio ;
 O Cabo tormentoso combateraõ
 Sem fulto de perigo , nem receio ;
 As Costas Melindanas conheceraõ ;
 E do Indo as correntes , e dalli veio ,
 A singular ardente especiaria ,
 De que a fertil Europa naõ sabia.

XVII.

A Santissima Ley, que no Calvario ,
 Foi com sangue de hum Deos certificada ;
 Ao Pagaõ , e infiel , nos cultos vario ,
 Foi pelo santo zello promulgada ,
 Trocou-se o vil pagode em Santuario ;
 Imprimio-se a doutrina sem espada ;
 E os seus póvos , Idólatras antigos ,
 Foraõ dos proprios Deoses inimigos.

XVIII.

Tú grande Manoel , que em santa Gloria ,
Gozas o premio : ardente em merecello ,
Fazendo a Ley de Christo taõ notoria ,
Quanto em ti se inflammava o santo Zello ,
Por Catholico amor , naõ por vangloria
De abominaveis Idolos flagello ;
Arvoraraõ a Cruz , os teus Soldados ,
Pelos confins remotos , e ignorados.

XIX.

O Conde D. Henrique , foi primeiro
Senhor dos vastos Campos Portuguezes ,
Em armas , esforçado Cavalleiro ,
Oriundo de Alemães , ou de Francezes :
Era grande Varaõ , sábio , e guerreiro ,
Que derrotou em campo muitas vezes ,
Com forças desiguaes , tropas pequenas ,
Formidaveis esquadras Serracenas.

XX.

Inundavaó as Lúas Africanas ,
 Das Provincias do Reino a maior parte ,
 Dominando nas terras transtaganas ,
 As quaes a Guadiana alli reparte ,
 Gentes barbaras , torpes , inhumanas ,
 Desprezo de Minerva , horror de Marte ,
 Infames , fracos , perfidos , atrozes ,
 E só para os Christãos sempre ferozes.

XXI.

Descendentes de Agar , que sem cultura ,
 Faltos de letras , faltos de noticia ,
 Vivem contentes n^huma vida escura ,
 Sem arte , sem industria , sem policia ,
 Disciplina tyranna , horrenda , e dura ,
 Tem nas leys , no governo , e na milicia ;
 Vivendo de violencias , e rapinas ,
 E causando aos seus visinhos mil ruinas.

XXII.

Mas veio o santo Affonso por castigo,
 Daquellas tropas crueis Ismaelitas,
 Que sem temer taõ horrido inimigo,
 Acçoens o seu valor fez infinitas.
 Os póvos, resgatou do jugo antigo,
 Reparando aos vassallos as desditas,
 E tirando-os das mãos da tyrannia,
 Que esta barbara gente commettia.

XXIII.

Foi acclamado Rei, por uniforme
 Gosto da sua tropa, a qual o amava:
 E supposto que Affonso não conforme,
 Tomar da Croa o pezo duvidava,
 Aquella repugnancia disconforme,
 Muito mais o desejo lhe inflammava,
 Com o prazer geral da luza gente,
 Foi no Campo acclamado justamente.

XXIV.

Alegre Portugal com gloria immensa,
 Daquelle fábio Rei, que levantara,
 Cuidando nos caminhos da defenſa,
 Ajunta tropas, munições prepara.
 A Mauritana gente, não ſuſpenſa
 Tinha a guerra cruel, que começara;
 Mas antes cheia de odio, e de eſperança,
 Buſcava os promptos meios da vingança.

XXV.

Já d'Ourique, nas terras eſpaçoſas,
 Se viaõ tremullar muitas bandeiras;
 Tantas eraõ as tropas numeroſas,
 Que ſeccavaõ as aguas das ribeiras,
 Traziaõ mil eſquadras, valoroſas,
 Das gentes de Granada, mais guerreiras:
 Cinco grandes Monarcas, que na viſta,
 Traziaõ deſtes Reinos a conquista.

XXVI.

Naõ lança quando nasce a bella Aürora ,
N^huma manhãa d'Abril fresca , e serena ,
As transparentes lagrimas , que chora
Que nas folhas em perolas ordena ;
Nem pelos campos , a risonha Flóra ,
Vasa das lindas flores , copia amena ;
Nem Céres , produzio tantas espigas
quantas eraõ as lanças inimigas.

XXVII.

O Novo Rei , naõ teme , nem se affusta ,
Vendo taõ desigual o seu partido ,
Naõ julga dar batalha acção taõ justa ,
Quanto tinha na mente presumido :
Sacrificar o Exercito lhe custa ,
Contra aquelle poder descomedido ;
E nesta contingencia , fluétuando ,
Os conselhos dos seus vai escutando.

XXVIII.

XXVIII.

O Deos Homem , que a mancha do peccado
 Veio ao mundo lavar , que Adão quizera ,
 Se lhe mostra na Cruz crucificado ;
 Na Santissima Cruz em que morrera ,
 Da chaga immensa , do Divino lado ;
 Que a maldade dos homens lhe fizera ,
 O seu precioso Sangue , lhe corria ,
 Que em liquidos Rubins se desfazia.

XXIX.

Affonso , não te affustem tantas Luas ,
 Que os barbaros te mostraõ por vangloria ;
 Não temas o valor das gentes suas ,
 Porque de todas te darei victoria ;
 Esta acção , que hoje quero que possuas ,
 Ficará dos vindouros na memoria ,
 E absortos ficarão os teus soldados ,
 De tantos infieis desbaratados.

XXX.

Em ti pois , e na tua descendencia ,
 Formar o meu Imperio determino ,
 Meu este Reino he ; minha clemencia ,
 Lhe fará venturoso o seu destino ;
 A minha ineffavel providencia ,
 E todas as graças , para elle inclino ,
 Não terá contra si o fado adverso ,
 Pois famoso o farei pelo Universo.

XXXI.

Para maior final dos meus favores ,
 Minhas Chagas , por Armas te concedo ,
 Com os trinta dinheiros , que os traidores
 Deraó para entregar-me com segredo ,
 Sempre os teus Estendartes vencedores ,
 Seraó com estas Armas , e bem sedo ,
 As verás da tua gloria o instrumento ,
 Pois nellas te seguro o vencimento.

XXXII.

Ficou o santo Rei todo confuso
 E perturbado da visão Celeste ;
 O discurso perplexo não tem uso ,
 E de humildes imagens se reveste ,
 Logo juntando o Exercito diffuso
 Com ardente valor o Mouro investe ,
 Confiado no amor , e puro extremo ,
 Do Senhor dos Exercitos supremo.

XXXIII.

Porém tanto que o Exercito contrario ,
 Ou vio dar o final para a peleja ,
 Já cheio de hum pavor imaginario ,
 Não tem nenhum valor que ao fulto reja ,
 Tal murmurio se faz , confuso , e vario ,
 Que mostrava , que o medo lhe sobeja
 Parecendo nas vozes , e alaridos ,
 Que já davao finaes de ser vencidos.

XXXIV.

Assim como na horrida procella ,
 O mar a quem revolve o rijo vento ,
 Com estrondosas ondas se incapella ,
 Augmentando a braveza o movimento ;
 Da mesma fórma o medo , que atropella
 Nos deveis coraçoes o fraco alento ,
 Fazia cada vez serem maiores ,
 Das infieis esquadras , os clamores.

XXXV.

Tinhaõ os dous Exercitos differença
 No valor , e nas forças igualmente ;
 Dos Mouros era a copia taõ extensa ,
 Que em duas legoas não cabia a gente :
 Fiados os Christoens na força immensa
 Do grande Deos eterno Omnipotente ,
 Combateraõ sem sustos , nem agouros
 De caber a hum Christaõ quarenta Mouros.

XXXVI.

Da fôrma que se vê no ardente Estio
 De espigas montoadas , na provida seára ,
 Que das fouces agúdas prompto fio ,
 Pelos campos do Téjo derribara ;
 Assim lançados sobre o campo frio ,
 Jaziaõ as cabeças , que cortara
 A valorosa espada Luzitana ,
 Ajudada da força mais que humana.

XXXVII.

Huns passados da penetrante lança ,
 A morte davaõ o ultimo combate ;
 Outros já de viver sem esperança ,
 Temem que a triste vida se dilate ,
 Nenhum destes crueis em paz descança ,
 Que a sua alma infiel logo se abate ,
 As profundas cavernas , onde mora
 A discordia ferós devoradora.

XXXVIII.

Cobre-se a terra da malvada trópa ,
 Da turba Mahometana destroçada ;
 A corrente do fangue o campo ensópa ,
 Que depois he nos valles empóssada ,
 Por entre tantos Mouros não se tópa ,
 Hum , que resista á cortadora espada ,
 Muitos na dura terra agonizaraõ ,
 Poucos foraõ na fuga os que escaparaõ .

XXXIX.

Pelo rigido Inverno , a manhã fria
 Mostra a rez que escondia a matta densa ,
 Porque a lançar effluvios principia ,
 Que attrahidos do Sol logo os condensa ,
 Por cima do seu corpo em claro dia ,
 A nuvem de vapor se vê suspenza ,
 Bem assim dos cadeveres , fumantes ,
 Lançavaõ as entranhas palpitantes .

XL.

Huma serie de Reis por largos annos ,
 Sustentou deste Reino o seu respeito .
 Soffrendo guerras , supportando damnos ;
 Que deixo por não ser do meu sujeito ,
 As guerras de Hespanhoes , e de Africanos ,
 Lhe fizeraõ no mundo alto conceito ,
 E augmentaraõ as Portuguezas glorias ,
 Com immensos triumphos , e victorias .

XLI.

Porém do mundo por costume certo ,
 Que nada sem mudança permanesse ,
 Se vio a Monarquia em grande aperto ,
 Nessa Epoca infeliz , que nunca esqueffe ,
 Hum Rei de pouca idade , e não experto ,
 Sem que fosse movido de interesse ,
 Só no desejo da brilhante fama ,
 Seu Regio coração todo se inflamma .

XLII.

Com armada de gentes escolhidas ,
Muniçoens , e petrechos abundantes ,
Preparado das armas mais luzidas ,
Ricos arnezes , elmos rutilantes ,
Tremollando as bandeiras estendidas
Sobre as agoas cerúleas inconstantes ,
Ao som dos instrumentos Militares ,
Abrio as ondas dos profundos mares .

XLIII.

Soprando o vento fobre a branca véla ,
Dobrou de Gibraltar o estreito passo ,
E as antigas columnas , que em Castella
Deixou de Alcides seu invicto braço ,
Naõ obstando dos Mouros a cautella ,
Suas praias pizou sem embaraço ,
As tropas acampando , fobre as terras
Que dominaõ de Arzila as altas ferras .

XLIV.

XLIV.

Mas a torpe desgraça , macilenta ,
 Com triste aspecto , com preverso rosto ,
 Sobre as funestas azas se presenta ,
 Procurando influir mortal disgosto ,
 A victoria tão certa representa ,
 Que sem pensar o Rei largando o posto ,
 Cahio sem expriencia na emboscada ,
 Que lhe tinhaõ os Mouros preparada.

XLV.

Ficou no campo a flor da mocidade
 Portugueza seguindo o seu Monarca ,
 Cujo valor igual á Magestade ,
 Lhe cortou sem piedade a horrenda Parca ,
 Aquella mais suprema dignidade ,
 Que governa de Pedro a santa Barca ,
 Que entãõ regia seu pezado léme ,
 Chora de mágoa , de disgosto geme.

XLVI.

Infeliz Portugal , jugo fevéro ,
Vejo sobre o teu collo levantar-se ,
Que o ciume antigo , d'hum visinho féro ,
Sem resistencia agora vai mostrar-se ,
Que pungentes desgraças te pondéro !
Quanto a tua fortuna ha de trocar-se !
Até que a mão piedosa Onnipotente ,
Deite horrivel dominio não te izente.

XLVII.

Perderás terras , perderás conquistas ,
Seraõ teus privilegios abolidos ,
A's violencias acerbadas não resistas ,
Que os teus clamores não seraõ ouvidos ,
Mas da grande esperanza não desistas ,
Porque em chegando aos Ceos os teus gemidos ,
Elles do teu Imperio sempre amantes ,
Mudarão dos teus males os semblantes.

XLVIII.

Por mais de sessenta annos abatidos
 Foraõ os Portuguezes desgraçados ,
 Se com sceptro de ferro eraõ regidos ,
 Como escravos do lusto eraõ tratados ,
 Nos postos foraõ logo preteridos ,
 Julgando os innocentes por culpados ;
 Porque a ambiçaõ iniqua , de Castella ,
 Os santos juramentos atropella.

XLIX.

Porém já vejo a Estrella rutillante ,
 Que influindo huma ardente actividade
 No povo Portuguez , na fé constante ,
 Já do Ceo lhe mostrava a liberdade ;
 He huma fixa estrella , e não errante
 Com o nome de falsa divindade ,
 Que não previnindo o ardiloso engano ,
 Veio cahir nas redes de Vulcano.

L.

Com incrível valor , amante empenho ,
 O coração lhe anima a grande empresa ;
 Huns fazem cautelosos o dezenho ;
 Outros já se encarregão da surpreza ;
 Nenhum teme o perigo , nem despenho ,
 Animos varonís , onde a nobreza
 Tem dominio maior , poder mais forte ,
 Do que o medo servil da negra morte.

LI.

Bem mostrou a sobrana Providencia ,
 Nesse dia feliz com tanta dita ,
 Que estendera o seu braço de clemencia ,
 A bondade de Deos sempre infinita
 Tudo regido foi com tal prudencia ,
 Que nada o bom effeito precipita ,
 Já do jugo cruel despedaçado ,
 Se via o gosto no rizonho estado.

LII.

Preclarissimo Duque de Bragança ,
 Que gozas docemente do focgo
 Sem temeres da forte outra mudança ,
 Das constantes virtudes só no emprego ,
 Vem tomar posse da sublime herança ,
 Que das mãos te arrancou da ambição cégo ,
 O Rei , que não tivera estes cuidados ,
 Em quanto Portugal teve soldados.

LIII.

Já este grande Duque , o sceptro impunha ,
 E do seu Reino alegre as redeas toma ,
 E do Hespano soberbo , que se oppunha ,
 As maximas prendendo , o orgulho doma :
 Elle as suas acçoens tão bem dispunha
 Com prudencia , e valor , que muita soma
 De Cidades , Castellos , e fortalezas ,
 Viraão nellas as quinas Portuguezas.

LIV.

Muitas vezes no campo derrotadas ,
 Foraõ valentes trópas de inimigos ,
 Que as gentes Portuguezas costumadas
 A vencer , desprezavaõ os perigos ,
 Foraõ em fim as pazes promulgadas ,
 Guardados os direitos taõ antigos ,
 Do Reino que era livre , independente ,
 Imperio do Senhor Omnipotente.

LV.

Subio depois ao Throno o valoroso
 Segundo Pedro , que prudente rege ,
 Nas campanhas seu nome foi famoso ,
 Na paz os benemeritos proteje ,
 Nos augmentos do Reino cuidadoso ,
 Amando as letras vigilante elege ,
 Para os cargos encher da Monarquia ,
 Que fazer respeitavel pertendia.

LVI.

Vejo o Senhor Dom João do nome quinto ,
 Cujá fama immortal teve no mundo
 Entre os Monarcas , hum lugar distincto ,
 Entre as gentes respeito mais profundo ,
 Tem sido o seu louvor menos fucinto ,
 Como hum Rei generoso sem segundo ,
 Que por acçoens tão grandes tão diversas ,
 Deixou vencido o vencedor dos Perfas.

LVII.

Deste insigne Varaó tambem cantara
 Com grande gloria o nome refulgente ,
 Mas a outros louvores se prepara ,
 A muza com a demora impaciente ,
 Do meu Heroe a vida he tão preclara ,
 Que á torpe adulação nada consente ;
 A' memoria do Pai me prostro , e humilho ,
 E vou cantar a do sublime Filho.

The first of these is the fact that the
 number of cases of smallpox has
 increased in the last few years.
 This is due to the fact that the
 disease is more common in the
 tropics than in the temperate
 zones. It is also more common
 in the lower than in the upper
 classes of society. This is due to
 the fact that the lower classes
 are more crowded and less
 healthy than the upper classes.
 The second fact is that the
 disease is more common in the
 summer than in the winter.
 This is due to the fact that the
 temperature is higher in the
 summer than in the winter.
 The third fact is that the
 disease is more common in the
 country than in the city.
 This is due to the fact that the
 country is more healthy than the
 city.

The first of these is the fact that the
 number of cases of smallpox has
 increased in the last few years.
 This is due to the fact that the
 disease is more common in the
 tropics than in the temperate
 zones. It is also more common
 in the lower than in the upper
 classes of society. This is due to
 the fact that the lower classes
 are more crowded and less
 healthy than the upper classes.
 The second fact is that the
 disease is more common in the
 summer than in the winter.
 This is due to the fact that the
 temperature is higher in the
 summer than in the winter.
 The third fact is that the
 disease is more common in the
 country than in the city.
 This is due to the fact that the
 country is more healthy than the
 city.

LISBOA RESTAURADA

ARGUMENTO.

D *Escreve-se a educação nos tenros annos ,
Do famoso Monarca ; as suas Sciencias ,
O meio de evadir o Reino os damnos ;
E da sua grandeza as providencias ,
Sentimentos Magnificos , e humanos ;
As desgraças do Povo , e as inclemencias ,
Que padeceo Lisboa dezolada ,
Em suas proprias ruinas abrazada.*

CANTO SEGUNDO.

Q *ue nuvem tão formosa , e transparente ,
Vejo descendo da Celeste Sphera ,
Qual Aurora , que raia no Oriente
Em serena manhã da Primavera ,
Nella ouço cantar suavemente ,
A voz da Fama , que o coração altera ,
A voz da immortal , illustre Fama ,
Com que as virtudes do meu Heroe proclama.*

II.

Virtudes eminentes , que contemplo ,
 Acçoens do grande Rei exercitadas :
 Humas , que guarda de memoria o templo ;
 Outras , que os coraçoes tem retratadas ,
 No mundo servirão de claro exemplo ,
 Para serem de todos imitadas ,
 Quantas a fama docemente entôa ,
 E pelas suas cem linguas lhe pregôa .

III.

Como o sangue Real sempre domina ,
 Influindo nas almas a descendencia !
 Nos Principes he mais do que a doutrina ,
 O poder com que obra a sua effencia :
 Elle inspira a razão , elle os inclina ,
 Sem conselho , sem arte , sem violencia ,
 Mostrando , que lhe faz o nascimento
 Das heroicas acçoens o argumento .

IV.

Se os meus versos tiverem a ventura ,
 Supposto que rasteiros não mereçam ,
 Que os vossos Reaes olhos dessa altura ,
 Rainha excelsa , sobre elles desçam :
 Vereis puros effeitos da candura
 Com que os meus ternos cultos se interessão ,
 Em louvar as virtudes singulares ,
 Levantando em meus versos mil altares.

V.

Naõ deixa no grosseiro , humilde barro ,
 De lançar o incenso o amavel fumo ,
 Quando a justa razão , e não o acaso
 Faz os effeitos , que eu em mim presumo :
 Se o amor me elevou hoje ao Parnaso ,
 Eu farei das virtudes hum resumo ,
 Que lá do Ceo comvosco elle reparte ,
 Se a tanto me ajudar o engenho , e arte.

VI.

Novamente te invoco , oh bella Erato ,
 Do teu grande favor muito preciso ,
 Porque o meu Estro nimiamente ingrato ,
 Ora o sinto affustado , ora indeciso :
 Eu bem vejo que em quanto me dilato ,
 O meu amor padefse o prejuizo ;
 Mas sem o teu auxilio , oh Deosa bella ,
 A voz se prende , o coração se géla.

VII.

Deixa por hum instante as frescas margens ,
 Do frondoso Permêfso aonde habitas ,
 Vem inspirar-me altifonas imagens ,
 Com as quaes os teus vallidos nobelitas :
 Dá-me da eloquencias effas vantagens ,
 Que tú nos teus empenhos exercitas ;
 Affina a minha lyra , inflamma o metro ,
 Ajuda-me a mover o eburneo plectro.

VIII.

VIII.

Já hum pouco cantei , balbuciando ,
 Do Reino Lusitano a sua origem ,
 Mas as virtudes de hum Heroe , cantando ,
 Mais facundos períodos exigem :
 As acçoens verdadeiras modulando ,
 Não fabulosas que os Poetas fingem ,
 Precisaõ doce voz , alto conceito ,
 Sacrificios decentes do respeito.

IX.

Tanto que o grande Rei , que eu canto agora ,
 Passou da innocencia a tenra idade ,
 Huma indole descobre , encantadora ,
 Que indicava respeito , e dignidade ,
 Crescia no discurso a cada hora ,
 Nas respostas mostrando a Magestade ,
 Prompto na percepção , prompto no engenho
 Já amava as Sciencias todas com empenho.

X.

Seu adoravel Pai foi discernindo ,
 Por aquelles talentos singulares ,
 Que hia no seu genio descobrindo ,
 As virtudes , e dons particulares ,
 Nas Sciencias o foi logo instruindo ,
 Dando-lhe Directores não vulgares ;
 E se o grande Aristoteles vivera ,
 O que Filippe fez elle o fizera.

XI.

Cada instante se viaõ mil portentõs ,
 Com que os Mestres ficavaõ persuadidos ,
 Que elle se adiantava aos documentos ,
 Por milagroso effeito dos sentidos :
 Eraõ seus delicados sentimentos ,
 De taõ nobres systemas revestidos ,
 Que logo deu sinaes se encaminhava
 Para o Heroísmo , que ancioso amava.

XII.

Foi sublime nas regras de eloquencia ;
 Raro na Mathematica Celeste ;
 Nas linguas singular, sem competencia
 Na Geographia Hydraulica , e terrestre ;
 Na Musica , com grande preferencia
 Sabia as normas , que a melodia veste ;
 Foi nas Filosofias infinito ;
 Nas Artes liberaes o mais perito.

XIII.

No preludio dos annos já domava ,
 Dos Cavallos a indomita fereza ;
 Nas regras do manejo lhe ensinava ,
 A corrigir a bruta natureza ;
 Nenhum na ligeireza lhe igualava ,
 Na promptidão do tiro , e na certeza ,
 Com que nos bosques da frondosa ferra ,
 O bravo Javalí lança por terra.

XIV.

O veloz Gamo , a timida Gazella ,
 O antigo Veado , o Lobo horrendo ,
 A Rapoza , que finge por cautella ,
 Para livrar a vida , andar morrendo ;
 A corredora Lebre , a Perdiz bella ,
 Que parece que os ares vai fendendo ,
 Por mais prompto , e mais rapido retiro ,
 Nenhum escapa do primeiro tiro.

XV.

Buscou sempre os Authores mais famôfos ,
 Para aquella instrucção que tanto estima ,
 Foraõ os seus discursos portentosos
 Pela grade facundia que os anima ,
 Com os preceitos da arte os mais preciosos ,
 Lhe punha da eloquencia a douta lima ,
 De fórma que fallando , ou escrevendo ,
 Foi modelo dos sábios estupendo.

XVI.

Como Mestre fallava , e decidia ,
 Em todas as Sciencias tão profundo ,
 Que nas doces palavras persuadia ,
 E dos systemas explicava o fundo ;
 Parece que dos labios lhe corria
 A doçura do Nectar tão jocundo ,
 Era em fim quando Principe , perfeito ,
 Todo o objecto do amor , e do respeito .

XVII.

Seu Real coração foi sempre illeso ,
 Das negras sombras do soberbo vicio ,
 A servis lhe calcava com desprezo ,
 Se do veneno descobria indicio ;
 No fogo da piedade sempre accezo ,
 Amava ternamente o beneficio ,
 E o seu candido peito nunca gera ,
 Aspera reprehensão , razão sevéra .

XVIII.

Foi do Culto Divino taõ amante ;
Taõ incansavel , generoso , e Pio ,
Que era a sua paixãõ mais dominante ,
Que nelle naõ houvesse algum desvio ,
Na Ley que professava , vigilante ,
Humilhando-se ao Eterno Senhorio ,
Daquelle Deos , que o mundo fez do nada ,
E fará infinitos se lhe agrada.

XIX.

Os pobres com maõ larga soccorria ,
Seu justo coração , Regio , e benigno ,
Da memoria fiel nunca perdia ,
O que dos seus favores era digno :
A' sua Alma piedosa internecia
O que da graça se fizera indigno ,
Muitas vezes luctando a humanidade
Com o alto dever da Magestade.

XX.

Era hum compendio o meu Heroe sublime
 De virtudes , e amaveis qualidades ,
 Naquelles annos , em que o sangue opprime ,
 Domina o coração , rege as vontades ,
 Filtrando ardentemente , nos imprime
 Huma severa Ley nas liberdades ,
 Mas o Grande Jozé doma , e despreza ,
 Com imperio , e virtude a natureza.

XXI.

Chegou o tempo em que á Monarquia ,
 Se cumpriraó os fins dos seus desejos ,
 Vendo as nupcias Reaes , cuja alegria
 Encheo o Reino todo de festejos ,
 A ditosa esperança principia ,
 Desterrados os sustos taó sobejos ,
 Porque do meu Heroe a descendencia ,
 Dava aos fieis Vassallos nova effencia.

XXII.

Mostrou o Grande Deos o quanto amava
As glorias deste Reino a quem destina ,
Na Sobrana Princeza , que lhe dava ,
Huma Rainha Excelsa , huma Heroína :
De virtudes sublimes se adornava ,
Aquella Alma gentil , que a mão Divina ,
Cá no Mundo illustrou , com luzes bellas ,
E no Ceo collocou entre as Estrellas.

XXIII.

Amou taõ ternamente os seus Vassallos ,
Tanto aos seus naturaes os antepunha ,
Que com empenho ardente de exaltallos ,
Como seus proprios filhos os suppunha :
O seu benigno amor sem intervallos ,
Tudo em sua vantagem lhe propunha ,
Teve huma singular beneficencia ,
Foi geral para todos a clemencia.

XXIV.

A funebre tyranna inexoravel
 A' tropos féra , com tizoura horrenda ,
 Cortou o fio d'ouro , á vida amavel ,
 Sem que o respeito o braço lhe suspenda ,
 O Senhor D. João , Rei memoravel ,
 Que a faudosa lembrança recommenda ,
 Passou do Throno deste Mundo triste ,
 Para aquelle da Gloria aonde existe.

XXV.

Ao Sólío da luza Monarquia ,
 Subio o Grande Jozé , cingindo a Crôa ,
 Acclamado com vozes de alegria ,
 Pelo amante seu Povo de Lisboa :
 A noite se trocou em claro dia ,
 Hymnos em seu louvor o gosto entôa ;
 E o mesmo prazer que o ar cintilla ,
 O coração em lagrimas distilla.

XXVI.

Pronosticos felices precederaõ ,
 Do meu invicto Heroe , o seu Reinado
 No Ceo os Meteóros se accenderaõ ,
 Trovejou do Nascente ao dextro lado :
 Estas demonstraçoens , que aconteceraõ ,
 Naquelle mesmo dia de Acclamado ,
 Se viraõ ao depois verificadas ,
 Pelas suas acçoens famigeradas.

XXVII.

Os Romanos , os Cesares Augustos ;
 Alexandre taõ fertil em proezas ,
 Tinhaõ por vaticinios os mais justos ,
 Trovejar no principio das Imprezas :
 Ficavaõ os soldados mais robustos ,
 No valor , para entrar nas entreprezas ,
 Quando o Ceo trovejando lhe indicava ,
 Que huma acção que emprendiaõ lhe agradava.

XXVIII.

Vio logo Portugal brilhante a scena ,
 Que hum sábio Rei dispunha cuidadoso ,
 Pela grande prudencia com que ordena ,
 Fazer o seu Imperio venturoso :
 Desterra o ocio , a inacção condemna ;
 E animando a industria generoso ,
 Não só faz aos Vassallos beneficio ,
 Mas extingue a fonte do inorme vicio.

XXIX.

Com quanto pasmo , o meu Heroe contemplo ,
 Vendo tantas acçoens de Magestade !
 Despendurando do fulgente Templo
 De Themis as balanças da equidade :
 Elle as equilibra com o exemplo ,
 Querendo conservar-lhe a dignidade ;
 E que o sordido interesse , e o valimento ,
 Não lhe fação no pezo detrimento.

XXX.

Fugio da sua face Magestosa
 A tyranna injustiça espavorida ,
 Confusa , intredita , vergonhosa ,
 E da esperança vil destituída :
 Mordendo os negros dedos de raivosa ,
 A perpetuo desterro reduzida ,
 Se precipita nas horridas cavernas ,
 Do Reino escuro nas prizoens eternas.

XXXI.

Favorece o Commercio enfraquecido :
 Sobre este ramo o seu poder coaduna ,
 Sendo com justa causa persuadido ,
 Que assim a maó Real dava á fortuna :
 O Commercio nos Reinos bem regído ,
 He da grandeza a principal columna :
 Elle faz os Vassallos oppulentos ,
 Conserva as forças , eleva os sentimentos.

XXXII.

Gemem com pezo as nadantes quilhas
De riquezas immensas carregadas ;
As fazendas se vem em grandes pilhas ,
Pelas praias do Téjo amontoadas :
Já vem do Oriente as maravilhas ,
Em tanta quantidade transportadas ,
Que o Estranho correndo ao nosso porto ,
De ver tanta riqueza fica absorto.

XXXIII.

Para a educação da mocidade ,
Aulas erige , que Real protege ,
Os Mestres de mais fama , e probidade ,
Para estas funçoens agudo elege :
Tudo do Grande Rei a Magestade
Preve , dispoem , estabelece , e rege
Com alta prevenção , com providencia ,
Com discurso , com arte , com prudencia.

XXXIV.

Já se vê a Arithmetica brilhante ,
 Por immensos alumnos manejada
 Arte , que nos preceitos abundante ,
 Era quasi dos Póvos ignorada :
 A Algebra futil , dos Estudantes
 He já tão facilmente calculada ,
 Que os Mestres não precisaõ de doutrina ,
 Pois qualquer dos discipulos a ensina.

XXXV.

Magnificos Collegios edifica ,
 Pelos quaes a nobreza se educasse ;
 Porque o feu coração todo se applica ,
 A que o Reino de letras se adornasse :
 Com grandes privilegios lhe amplifica ,
 Os meios porque sempre os conservasse ;
 Querendo com louvaveis providencias ,
 As grandezas semear , colher as sciencias.

XXXVI.

Insignes Mestres , sábios documentos
 Do Grande Rei as Ordens praticando ,
 Foraõ aquelles informes pensamentos ,
 Com sólidas doutrinas amoldando :
 Inspirando-lhes nobres sentimentos ,
 Os tenros coraçoes foraõ criando ,
 De fórma que alcançaraõ dos excessos ,
 Fazerem os Collegios mil progressos.

XXXVII.

Dos seus fieis Vassallos sempre amante ,
 Muitas Leys providentes lhe promulga ;
 Que para mudar dos pleitos o semblante ,
 Mais favoraveis , mais precisas julga :
 Taõ Regia prevençaõ , justa , e constante ,
 Já entre os transgressores se devulga ;
 De fórma que huns a intriga renunciaõ ,
 Outros da espada da coacçaõ tremiaõ.

XXXVIII.

Mizero devedor , hum Rei clemente ,
Prende os braços crueis da tyrannia ,
Ao credor maligno não consente
Que exercite o seu odio na porfia ,
Não julgando a pobreza delinquente ,
Nas funebres entranhas da inchovia ,
Prohibe que o credor sem esperança
Pertenda o pagamento na vingança.

XXXIX.

Quantas vezes se vio no Regio assento ,
Das miseraveis gentes condoido ,
Que subia ao seu rosto o sentimento ,
Do puro coração internecido :
Aquelle heroico peito sempre izento ,
Das chammas do rigor era attrahido ,
Por hum effeito da Real grandeza
Das lagrimas pungentes da pobreza.

XL.

Sua Alma singular onde a candura
 Com incrível prazer se aposentava ,
 Reverberando os raios da ternura ,
 A todos igualmente illuminava :
 Sempre nas suas vozes a doçura
 Do seu amavel genio dominava ,
 Não foi para a familia nunca austéro ,
 Nunca foi duro , nunca foi sevéro.

XLI.

Hum dia por acaço , que hum criado
 Ao fechar do coche inadvertido ,
 Huma das Reaes mãos tendo apanhado ,
 Entre a porta n'um dedo foi ferido ;
 E vendo hum Camarista muito irado ,
 E contra aquelle moço enfurecido ,
 Elle o pobre , lhe diz , não adivinha
 Maior dor , eu lhe julgo do que a minha.

XLII.

O' coração Real , benigno , e justo ,
 Digno de oblaçoens , digno de Altares ,
 Que tanto te deveo o alheio fusto ,
 Depois da propria dor experimentares !
 Tu occupas no Ceo , hum Throno Augusto
 Por premio das virtudes singulares ,
 E o teu Reino que vio tantas bondades ,
 Hum tributo te paga de saudades.

XLIII.

Para poder cantar deste Monarca ,
 Acçoens famigeradas , por extenso ,
 Em quanto a implacavel , triste Parca ,
 O seu braço cruel teve suspenso :
 Seria navegar em debil barca
 Sobre as ondas do Oceano immenso ;
 E no pouco que digo conjecturo ,
 Que he hum breve rascunho do futuro.

XLIV.

Mas sinto , os hombros da convulsa terra
 Moverem-se , com forças tão estranhas ,
 Que descarnando a mais soberba ferra ,
 Fazem lutar os valles co as montanhas :
 Declarando aos mortaes tyranna guerra ,
 Parece , que nas concavas entranhas ,
 Com impuxoens tão fortes , tão vehementes ,
 Quer engolir a raça dos viventes.

XLV.

Immenso Deos , que desse olympo Augusto ,
 Olhando para a terra indivisivel
 A fazeis aballar , tremer de susto ,
 Da Vossa Omnipotencia incomprehensivel :
 Vós que sois Deos de paz , piedoso , e justo ,
 Vede Senhor , que he quasi incompativel ,
 Que deste movimento tão profundo ,
 Não se destrua a maquina do Mundo..

XLVI.

Porém a immensidade dos peccados ,
Que já hum Deos Clemente , tanto insultaõ
Dos cégos peccadores obstinados
Os seus delictos muito mais avultaõ :
Parece que de Vós desamparados
As lugubres ruinas os sepultaõ ,
Sem que possa haver hum , que vos prometta
O mesmo que pedieis ao Profeta.

XLVII.

Vejo os duros rochedos fluctuando
como as ondas do vento encapelladas ,
O Mar já pelos montes trasbordando
Tem as Leys do lemite quebrantadas :
As torres o seu centro procurando ,
Jazendo sobre a terra amontoadas ,
E dos nobres palacios o edificio ,
Tudo soffrido tem o precipicio.

XLVIII.

XLVIII.

Fendem o ar os miseros gemidos
Dos tristes infelices moribundos ,
Que por entre as ruinas submergidos ,
Arrancavaõ suspiros taõ profundos :
Outros com bem funestos alaridos ,
Nas entranhas dos carcerees immundos ,
Achaõ que na ruina , que se augmenta ,
Outra nova prizaõ se lhe accrescenta.

XLIX.

Abrem-se os Santos Templos pelo meio ,
Cahindo com fracago pavoroso ;
O que de Christãos era mais cheio ,
Foi o destrago nelle lastimoso :
He maior o perigo , que o receio ,
Em dia taõ terrivel , e espantoso ,
Em o qual os Altares mais sagrados ,
Saõ nas proprias ruinas sepultados.

L.

Os Ministros de Deos , em santas vestes
 Com que os Sacrificios celebravaõ ,
 Subidos nas ruinas mais agrestes ,
 Dalli á penitencia convocavaõ :
 Estas terriveis convulsoens terrestres ,
 As gentes por mil modos devoravaõ ,
 A Mãi he consternada , o Pai absorto ,
 Quando veem junto a si o filho morto.

LI.

Nada resiste a destrucção inorme ,
 Com que a terra sacode os habitantes ,
 O que no rico leito o somno dorme ,
 Entre as bordadas téllas rutillantes :
 Nem aquelles que soffrem da disforme ,
 Pobreza o fazellos mendicantes :
 Pois igualmente nos Palacios nobres ,
 Se vio o mesmo , que se vio nos pobres.

LII.

Não ha termos , que sejaõ expressivos
 Para fallar d'hum dia taõ tremendo ,
 No qual a dura Cloto , os incentivos
 Andava para as mágoas exercendo :
 Huns já mortos , e outros simivivos ,
 As ruas enchem de pavor horrendo ;
 Separados os membros dos seus bustos ,
 Influem afflicçoens , augmentaõ fustos.

LIII.

Os Fidalgos , Ministros , Sacerdotes ,
 Povo , Religioens , Particulares ,
 De quaesquer condiçoens , de quaesquer lotes ,
 Jaziaõ destroçados a milhares :
 Pelos campos os vivos em magotes ,
 Abrem com alarido os densos ares ;
 E vendo da morte o formidavel vulto ,
 Todos pedem a Deos perdaõ do insulto.

LIV.

Já sobe ao Ceo a crepitante chamma ,
 Em borbotoens de fumo interlaçada ,
 Hum lugubre claraão no ar derrama
 A soberba Lisboa incendiada :
 A perola da Europa , cuja fama
 A fazia no mundo respeitada ;
 Reduzida se vê neste destrago ,
 A' triste sorte da infeliz Carthago.

LV.

Tú que no claro Téjo tão pomposa ,
 Vias dos teus Palacios a structura ,
 Agora com desgraça lastimosa ,
 Vês hum montão de cinzas sem figura :
 O mesmo manso Téjo , que em ti goza
 O respeito que o nome lhe procura ,
 Os limosos cabellos arrancando ,
 A pena explica , para traz voltando.

LVI.

Brevemente verás , nobre Ulyfféa ,
Qual a Féniz das cinzas renascida ,
Que hum Rei que em elevar-te se gloréa ,
Te fará mais brilhante , e mais temida :
Com Magnifica mão , vistosa idéa
Serás refuscitada a melhor vida :
Elle o teu respeito mais profundo ,
Fará pelo teu nome em todo o mundo.

The following is a list of the names of the
 persons who have been appointed to the
 various offices of the Board of Education
 for the year 1877-78. The names are
 given in alphabetical order, and the
 offices to which they are appointed are
 given in parentheses.

The following is a list of the names of the
 persons who have been appointed to the
 various offices of the Board of Education
 for the year 1877-78. The names are
 given in alphabetical order, and the
 offices to which they are appointed are
 given in parentheses.

LISBOA RESTAURADA

ARGUMENTO.

D *As ruínas , Lisboa resuscita ,
 Por influxo feliz do Rei Soberano ,
 Muitas acções egregias , exercita ,
 Sempre benigno , generoso , e humano :
 Para a guerra mandou gente infinita ,
 Applacou com a paz o mortal damno ,
 Em Coimbra erigio , estudos novos ,
 Para fazer mais cultos os seus Póvos.*

CANTO TERCEIRO.

F *Rondoso Ramo desse Rei sublime ,
 Do qual cantando vou dignos louvores ,
 Em quanto a bella Erato , amiga imprime ,
 No meu amor os metricos furores :
 Deixo o lugubre , stilo , que a alma opprime ,
 Repetindo a desgraça , e os seus rigores ,
 Que influem afflicção , me em o pranto ,
 Como acabei no meu segundo Canto.*

II.

Eu cantarei os inclictos portentos ,
 Do vosso invicto Pai , do qual bebestes
 Aquelles delicados documentos ,
 Com que a sua memoria inriquecestes :
 Aquelles taõ egregios sentimentos ,
 Que repartio com elle a mão Celeste ,
 Que em Vós , grande Rainha , se devisaõ ,
 E que d'ambos a gloria lhe eternizaõ.

III.

A cantar vosso nome a Musa empenho ,
 Affinando na lyra as cordas de ouro ;
 Mas esta empreza , que tomado tenho ,
 Eu já cingi para ella o verde louro :
 Assim mesmo as virtudes vos dezenho ,
 E o meu obsequio summamente douro ;
 Porque do meu Heroe sendo louvadas ,
 Em Vós Senhora estaõ recopiladas.

IV.

IV.

Para fallar no voffo nome Egregio ,
Grande Rainha , que o respeito adora ,
Naõ posso ter devate o privilegio ,
Sem que o Delio me dê lyra sonora :
Huma Heroína , que no Throno Regio ,
Se tem feito dos Cultos taõ credora ;
Porque chegue o louvor de pollo a pollo ,
Só a póde cantar o mesmo Apólo.

V.

Eu cingirei de novo a verde rama ,
Pelas margens do Menalo cortada ,
A doce lyra que o furor inflamma ,
Será das nove Irmãas incordoada :
Só assim poderá a excelsa fama ,
Que tendes conseguido ser cantada ,
Para poder voar pelo Universo ,
Se taõ sublime preço cabe em verso.

VI.

Facunda Erato , novamente influe
Na minha voz harmonicos accentos ;
Outra vez ao meu canto restitue ,
Do sublime louvor os pensamentos :
O choro do Permeſſo não me argue ,
De repetir da terra os movimentos ;
Mas agora depondo eſtas memorias ,
Exporei de Ulyſſea as ſuas glorias.

VII.

Cantarei de Jozé a mão potente ,
Já do montaõ das cinzas levantando ,
A Cidade infeliz , que o fogo ardente ,
Deixara os alicerces fumegando :
Cantarei hum Heroe , ſábio , e prudente ,
Que as violencias do Fado dominando ,
Mudando o trifte aſpecto á Monarquia ,
Troca a funeſta ſombra em claro dia.

VIII.

VIII.

Depois daquelle dia tão terrivel ,
 Em que Lisboa em chammas se abrazava ,
 O grande Rei , ás penas tão sensivel ,
 Só seus tristes Vassallos lamentava :
 Parece adulaçaõ , parece incrivel ;
 Mas he verdade pura , que buscava ,
 Sem fusto do perigo , nem receios ,
 Para acudir ao Povo os promptos meios.

IX.

Da sua vida amavel se esquecia
 Só por dar o remedio prompto , e justo ;
 Seu espirito impavido abatia ,
 Pelo exemplo as impressoens do fusto :
 No seu Regio semblante não se via ,
 Mais que brilhar o coração Augusto ,
 Incontrastavel , firme , penetrante ,
 Dava mil providencias n^o hum instante.

X.

Naõ ficou cõusa alguma sem cautélas ,
 A abundancia dos viveres foi rara ,
 Puzeraõ para os roubos sentinellas ,
 E tudo com disvelo se repara :
 Senaõ tem o Soberano as luzes bellas ,
 A quantos a penuria devorara !
 Mas foi de mantimentos tanto o excesso ,
 Que se venderaõ pelo menor preço.

XI.

Já vejo entre as ruinas levantar-se ,
 Da famosa Lisboa a face bella ,
 E taõ gentil ao mundo apresentar-se ,
 Qual entre os Astros a brilhante Estrella :
 E tanto que no ar pode elevar-se ,
 As calcinadas cinzas atropella ,
 No seu sobrano vulto se divisa ,
 O Magestoso Imperio com que as piza.

XII.

Seus fulgentes cabellos entrançados ,
 Com felloens matizados de mil cores ,
 De perolas com ouro recamados ,
 Dos quaes inveja o Sol os resplandores :
 De preciosas gemas adornados ,
 Que os olhos não supportaõ seus fulgores ;
 De purpureos rubins hum colar fino ,
 Coroa de ouro , e Sceptro diamantino.

XIII.

Mais preciosas télas traz vestidas ,
 Do que entraraõ da Deosa na contenda ;
 Quando de Arachne , as suas taõ subidas ,
 Fizeraõ com que o fio hoje a suspenda :
 De Portugal as armas taõ luzidas ,
 Sobre o manto bordou , arte stupenda ,
 Na qual se vê do Artifice os disvelos ,
 Esmaltadas as quinas , e os Castellos.

XIV.

Ella correndo vai ao Regio Throno ,
Porque a gratidaõ constante seja ,
Ao seu Restaurador ao seu Patrono ,
E prostrada aos seus pés , a maõ lhe beja :
Altissonas Cançoens , em seu abono ,
Cantou suavemente porque seja ,
Sempre taõ permanente a sua graça ,
Como foi cuidadoso na desgraça.

XV.

Monarca invicto , que do Sólío Augusto ,
Lhe diz , lançaís para taõ longe os raios ,
E que da fria plaga ao monte adusto ,
Chegaõ as vossas luzes sem desmaios :
Vós que me resgataste o cruel fusto ,
Que tive da desgraça nos ensaios ,
Conservai , grande Rei , taõ alta gloria ,
Que immortal vos fará na longa Historia.

XVI.

Os meus ardentes membros lacerados ,
Vós com benigna mão resuscitastes ;
E qual Fenis dos Troncos abrazados ,
Me fizestes fahir , vós me elevastes :
Applicai sobre mim alguns cuidados ,
Já que das negras cinzas me tirastes ;
E se fui pelo Mundo tão famosa ,
Juntai ao meu respeito , o ser formosa.

XVII.

Vós o podeis fazer , que os Reis Sobranos
São nas suas acçoens tão portentosos ,
Que sendo adoraveis quando humanos ,
São huns Deoses da terra os virtuosos :
Elles o escudo são dos grandes damnos ,
O reparo dos casos lastimosos ,
Como agora se vio nessa clemencia ,
Em que mostrastes tão sublime effencia.

XVIII.

Lançai , lançai os olhos compassivos ,
Sobre a vossa Cidade dezolada ;
Que tem de compaixão outros motivos ,
Que nunca mereceo , Troya abrazada :
Nella arderaõ Pagódes excessivos ,
Da torpe Idolatria , depravada ;
E effes montoeus de pedra , que alli vedes ,
São dos Templos Sagrados as paredes.

XIX.

As Casas do Senhor , onde o seu culto ,
A Catholica Fé lhe consagrava ,
Hoje azilo de horror , capaz de insulto ,
O seu santo respeito se lhe aggrava :
Por entre as suas pedras insepulto ,
Jaz o que as funçoens exercitava ;
Porque a chamma cruel , devoradora
Os seus corpos respeita , e não devóra.

XX.

Vede nos campos , a dispersa gente ,
 Que por fracas cabanas se accommoda ,
 Já soffrendo do Sol , o raio ardente ,
 Já do frio Nordeste a furia toda :
 Vejo , vejo , que a vossa mão clemente ,
 Fez parar da desgraca a triste roda ;
 Pois , que das feias cinzas me tirastes ,
 E tão brilhante ao mundo me mostrastes.

XXI.

Fazei grande JOZEP o que vos dicta ,
 Aquella Alma sublime , que em vós mora :
 Essa grandeza Real , que vos incita ,
 Que em vosso coração mais se melhora :
 Vejo em roda de mim , gente infinita ,
 Que lagrimas de gosto alegre chora ;
 Pois no meu esplendor se lhe figura ,
 Ser hum feliz perfugio da ventura.

XXII.

Disse , e o meu grande Heroe , que no aspecto
 Ostenta a gloria , que no peito ardia ,
 Para dar mais valor ao seu affecto ,
 E encher os seus Vassallos de alegria :
 Tu não vez , Ulyssæa , o meu objecto ,
 Lhe disse , nos montões de pedraria ?
 Tu não vez esses grossos cabrestantes
 Gemendo com os pezos importantes ?

XXIII.

Tu não vez de Officiaes a copia densa ,
 Que das obras dispoem os seus preparos ;
 Outros ferrando já madeira immensa ,
 Outros pondo ás ruinas seus reparos ?
 Tu a gente não vez , que está suspensa
 Vendo parada , marmores tão raros ,
 Que precisaõ de maquinas disformes ,
 Para mover seus pezos disconformes ?

XXIV.

Ouve a seleusina com que os marinheiros ,
 Essas monstruosas vigas descarregão ,
 Sobre os possantes barcos Cassilheiros ,
 Que en continuo transporte não socegaõ :
 Olha quantos navios Estrangeiros ,
 Que aos pórtos do Baltico navegaõ ;
 Que huns da comprida taboa daõ descargas ,
 Outros do ferro as impilhadas cargas.

XXV.

Tu verás Ulyfsea em tempo breve ,
 Que a perfida desgraça affugentando ,
 Aquelle amor ardente , que me deve
 O meu Povo , lhe irá o mal trocando :
 Verás que nunca mais ella se atreve ,
 Os meus ternos cuidados respeitando ;
 E que serás no Mundo celebrada ,
 Sobre todas as mais famigerada.

XXVI.

O grande Rei não falta ao promettido ,
Como do seu Real sangue se esperava ;
Mas da sua grandeza persuadido ,
Huma nova Cidade edificava :
Magnifica , formosa , e tão subida ,
Na Arte da Structura se mostrava ;
Que serviria o seu prospecto raro
De pasmo a Phidias , suspenção a Pháro.

XXVII.

Já sobre as cinzas da geral fugueira
As nitidas cabeças levantando ,
Cingidas da pacifica Oliveira ,
Estão os Sagrados Templos dominando :
Padeceirão a ruina derradeira ;
Mas a sua fortuna melhorando ,
A fragancia do fumo dos Altares ,
Enche o vasio dos immensos ares.

XXVIII.

Do Téjo sobre as agoas crySTALLINAS ,
 Como em claros espelhos se estão vendo ,
 Nobres Palacios , obras peregrinas ,
 As antigas Romanas excedendo :
 Das lastimosas , horridas ruinas ,
 Parece que de novo renascendo ,
 Mostra da face alegre o apparato
 De magnificas pedras grande ornato.

XXIX.

O meu Heroe , que a mesma natureza
 Mostrou querer vencer , com beneficios
 Por hum puro effeito da grandeza ,
 Deu nova architettura aos edificios ,
 Dos montes suspendeo com rara impreza ,
 Suas pezadas massas , sem indicios ,
 De poderem já mais mostra-se oppostos ,
 Aos seus humildes valles sotopostos.

XXX.

Sua rude aspareza , abate , e doma ,
 Fazendo-lhe caminhos praticaveis ,
 Mandou abrir de ruas grande somma ,
 Commodas , vistosas , e agradaveis :
 As obras subterraneas , que de Roma
 Deixaraõ seus Tribunos memoraveis ,
 Parallelo não tem , nem se comparaõ ,
 Com as que na Cidade edificaraõ.

XXXI.

Risonhas praças , nobres , e elegantes ,
 Nas quaes respira o gosto , e o recreio ;
 E para dar prazer aos habitantes ,
 Hum frondoso magnifico passeio :
 As suas Regias idéas vigilantes ,
 Sem susto de despeza , nem receio ,
 Fazendo-se immortaes para a memoria ,
 Enchem o seu coração de immensa gloria.

XXXII.

Naõ parecia ser tempo opportuno ,
Para se embarçar de outros cuidados ;
Porém já de Minerva o sábio alumno ;
Todos acha ao seu genio limitados :
Sobre as verdes espadoas de Neptuno ,
Se observaõ muitos vasos ancorados ;
Porque ao passo , que a Cidade fórma.
A marinha cançada se refórma.

XXXIII.

Nos Arcenaes confunde-se o massãme ,
Muitas Náos formidaveis se fabricaõ ;
Já huns cozem no rispido vellame ,
Outros a mil manobras se dedicaõ :
Qual das abelhas racional enchame ,
A diversos trabalhos já se applicaõ ;
Estes do alcatraõ enchem panellas ,
Aquelles sóbem a infunar as vélas.

XXXIV.

O ar nos duros couros incerrado ,
Sahindo com impulso repetido ,
Deixa o terreo carvão logo abrazado
Pela força do vento compellido :
O estrondo que fazem compassado ,
Em igual movimento , convertido ,
Dando ao descanzo hum enganoso atalho ,
Inflúe a suavidade no trabalho :

XXXV.

Já na vulcanica , calida fornalha ,
Se inflamma da espada o ferro agudo ;
Já se incadêa a temperada malha ,
E a burnida lamina do escudo :
Alli se enfaca a horrida metralha ,
E acolá com cauteloso estudo ,
Se derrete nas concavas caldeiras ,
Mortifero metal para as roqueiras.

XXXVI.

XXXVI.

Naõ embarçaõ as obras da Cidade ,
Ao meu invicto Heroe , outros objectos ;
Pois do seu coração a immensidade ,
He bem fecunda em sólidos projectos :
Por conservar do Reino a Magestade ,
Os caminhos destina os mais selectos ,
Inflammando-se o seu amante peito ,
Dos Vassallos na gloria , e no respeito.

XXXVII.

Poem em outro pé a tropa diminuta ,
Enchendo por cautéla os Regimentos ;
Porque d'outra Potencia resoluta ,
Naõ lhe fizessem sombra os movimentos :
O belico manejo se executa ,
Tudo correspondendo aos seus intentos ,
Fazendo emulação a toda a Europa
A mais guerreira , mais formosa tropa.

XXXVIII.

Suas bandeiras facudindo os ares
Sobre vistosas respeitaveis quilhas ,
Hum novo freio poem aos altos mares ,
Assombrados de tantas maravilhas :
Do Bronze as longas peças singulares ,
Sahindo das pintadas escotilhas ,
Fizeraõ que as bandeiras mais ufanas ,
Recebessem a Ley das Lusitanas:

XXXIX.

Huma nuvem escura , tenebrosa ,
Quiz oppor-se do Sol aos resplendores ,
Terrifica cruel caleginosa ,
E cheia de maléficos ardores :
Mas a sua presença Magestosa ,
Decipando os influxos , e os vapores ,
Com os brilhantes raios a incapella ,
Mostrando a sua face ainda mais bella.

XL.

De venenosas gralhas denso bando ,
 Estendiaõ as azas uniformes ,
 Só para ver se as luzes apagando ,
 Occultavaõ seus vultos disconformes.
 Logo o Astro fulgente penetrando ,
 O centro destas sombras, sempre inormes ;
 Elle abate , aniquilla , poem por terra ,
 E dos perfidos ninhos as desterra.

XLI.

Já tremolando as invenciveis quinas ,
 Hum formidavel Exercito marchava ,
 As Translaganas áridas campinas ,
 Já de gentes guerreiras povoava.
 Tropas valentes , só de vencer dignas ,
 Com as quaes o inimigo se aterrava ;
 Já tremendo a esquadras estrangeiras ,
 Só de verem no ar nossas bandeiras.

XLII.

Já aquellas Naçoens beligerantes ,
A que estes movimentos competiaõ ,
Temendo as noſſas gentes arrogantes ,
O tratar-se de pazes pertendiaõ :
E os meſmos , que empenho tinhaõ dantes
Em declarar a guerra , deſiſtiaõ ;
Tanto pode o ſeu nome , e o ſeu respeito ,
Que fez mudar a todos de conceito.

XLIII.

Elle diſpoem da paz os ſeus tratados ,
Ao ſeu prudente arbitrio ſe conformaõ ,
Os Capitulos logo ſaõ firmados ,
E as gentes inimigas ſe reformaõ.
Conſervou o meu Rei , os ſeus ſoldados ,
Que huma formoſa tropa ſempre formaõ ,
Procurando o respeito á Monarquia ,
Que famoſa no mundo pertendia.

XLIV.

Ainda dos beneficios não contente ,
 Que amante dos seus povos lhe fazia ,
 Sábio Legislador , douto , eminente ,
 Novas Leys faudaveis lhe erigia :
 O Reino a quem amava ternamente ,
 Taõ ardentes disvelos lhe attrahia ;
 Que outro antecessor por bom que fosse ,
 Nunca para os Vassallos foi taõ doce.

XLV.

Que grãos de gloria , na Divina face
 Não tem o grande Rei , sendo o primeirõ
 Que livre quiz fazer quem livre nasce ,
 Quebrando o duro ferro ao cativoiro ?
 O que na Santa Ley , vive , e renasce ,
 He ingenuo Christaõ , he verdadeiro ;
 E áquelles que o baptismo regenéra ,
 Fica a escravidão , horrenda , e féra.

XLVI.

A quantos mil livrou do triste jugo
 D'hum Senhor implacavel , duro , austero ,
 Barbaro sem piedade atrós verdúgo ,
 Com desgraçadas victimas sevéro :
 As lagrimas dos olhos não enchúgo ,
 Effeitos dignos daquelle amor sincéro ;
 Como hum tão bom Monarca persuade ,
 A lembrança , a ternura , e a faudade.

XLVII.

Já vejo a sabedoria coroadá ,
 Sobre o Throno em aurifera cadeira ,
 De outras muitas Sciencias rodeada ,
 A quem ella influio a luz primeira :
 Hum sceptro de ouro , de obra delicada ,
 Mostrava aquella insignia verdadeira ,
 Que lhe deu o Monarca sem segundo
 Para ser respeitada em todo o mundo.

XLVIII.

A catêva apinhada de infinitos
Alumnos lhe faziaõ seu cortejo ,
Huns ostentando alegres seus escritos ,
Outros na applicação o seu desejo :
Todos com grande ardor de ser piritos ,
A doutrina mostrando amor subejo ,
Do grande Rei , louvavaõ a ternura
Que elevára a sciencia a tanta altura.

XLIX.

Quiz fazer de Coimbra nova Athenas ,
Para o que lhe dispoz todas as partes ,
Onde as letras florecem taó amenas ,
Quanto saõ excellentes suas Artes.
Lá se vem habitar doudas Camenas ,
Alli Neutom , Copernico Descartes ,
As antigas , e modernas Filosofias
Mathematicas Leys, e Theologias,

L.

Direito Patrio , Canones Sagrados ,
 As linguas mortas , e toda a Medicina ,
 Em tudo os Estudantes empregados ,
 Bebem de insignes Mestres a doutrina :
 Estes do meu Hercoe os seus cuidados ,
 Que ás vantagens do Reino só destina ;
 E delles conseguiu o grande nome ,
 Que o tempo gastador nunca consome.

LI.

Foi do grande Jozé taõ forte o empenho ,
 De fazer respeitada a luza gente ;
 Que já riscando em Principe o dezenho ,
 Quando Rei o mostrou taõ claramente :
 O seu Povo naõ tendo desempenho ,
 Com que pagar aquelle amor ardente ,
 Quiz que ficasse sempre á sua vista
 A memoria , que aos tempos lhe resista.

LII.

Nunca no Reino houverão estas idéas
 No tempo d'outros Reis , de grande fama ,
 Da sua imaginação eraõ alhêas ,
 Por não terem de amor tão grande chamma :
 Nas Cidades , nas Villas , nas Aldêas ,
 Seu nome ternamente o Povo acclama ;
 Com huma só Estatua lhe parece ,
 Pequeno sacrificio ao que merece.

LIII.

Bem podemos dispor , grande Rainha ,
 Huma nova Estatua , hum obelisco ;
 E já o nosso affecto 'razaõ tinha ,
 De machinas armar , fazer-lhe o risco :
 Mas aquella , que ao nome vos convinha ,
 Deve chegar do Sol ao claro disco ;
 Pois a que o nosso amor já vos destina ,
 He a que mereceis ter como Heroína.

LIV.

Cantei do grande Rei Jozé Primeiro ,
 Rezumidas acçoens com debil Muza ;
 Que o amor de Vassallo verdadeiro ,
 Deste culto devido não m'escusa :
 Tambem do Egregio Rei Pedro Terceiro ;
 Pelo não ter cantado já me accusa
 O affecto , e a razão ; mas brevemente
 A lyra afinarei bem diligente.

LV.

Humilde , e reverente , ao Regio Throno
 Me prostro , e estes versos vos offereço ,
 Com elles o meu grato amor abono ,
 Supposto tão indigno me confesso :
 E se tem o grosseiro defabono ,
 Que eu no meu estilo rustico conheço ,
 A voz do coração pura , e sincera
 Cantára o meu Heroe como devera.

